

O TEMPO NA ESCRITA DE UM ESPAÇO: a cidade de Russas-CE na obra do escritor Airton Maranhão The time in the writing of a space: the Russas City in the work of the writer Airton Maranhão

Ruan Carlos Mendes¹

Artigo recebido em: 22/03/2020.

Artigo aceito em: 12/04/2020.

RESUMO

Toda a obra literária de Maranhão foi dedicada à cidade de Russas e sua gente. Vamos investigar a escrita desse autor como construtora de memórias, constituindo-se assim numa escrita formuladora de sentidos para o passado e para as espacialidades, uma arte ficcional desejosa de ser uma arte capaz “de dar tempo ao espaço”. O objetivo é analisar a concepção de tempo na obra do escritor russano e compreender seus usos e acionamentos em uma prática de escrita pela qual visou dotar um espaço – o seu “torrão natal” - de uma inscrição na história. Também analisaremos quais as relações de Maranhão dentro do “campo artístico” do qual fez parte e os usos que fez - pela via literária - do “fantástico” para construir memórias para um espaço.

PALAVRAS-CHAVE: Tempo; Espaço; Literatura; História.

ABSTRACT

The whole Maranhão's literary work was dedicated to the city of Russas and its people. The author's writing will be investigated as a memory constructor, resulting a formulator meanings writing to the past and to the spatialities, a fictional art trying to be able to "give time to the space". This article aims to analyze the conception of time in this russano writer work and comprehend its uses in the practice of writing in which aimed endow a space - his "homeclod"- of a inscription in history. It'll be analyzed also the Maranhãos's relations in the "artistic field" which was part of and the uses he did- in the literary form - from "fantastic" to create memories for the space.

KEYWORDS: Time; Space; Literature; History.

¹ Graduado em História pela UECE/FAFIDAM. Mestre Interdisciplinar em História e Letras pela UECE/FECLESC. Doutorando em História Social pela UFC. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0627947482271690>. E-mail: ruan.carlos.mendes@hotmail.com.

Introdução

Mais que um ofício, Airton Maranhão (1950-2015) - advogado e escritor natural da cidade Russas/CE - se dizia (e se percebia) portador de uma “missão” inalienável do dever de não deixar a poeira do passado cobrir tudo com seu manto de esquecimento:

E eu era pequeno naquela época, que eu também já escrevia, mas quando eu cheguei em Fortaleza a coisa piorou, *dessa missão em cima de mim pra eu escrever* essa história e depois quando eu entrei na TV Russas como colunista, que eu comecei a escrever sobre os personagens de Russas, aí muita gente: “rapaz, você como advogado, você deveria escrever, um escritor, você deveria escrever essa história” (MARANHÃO, 2014).

Essa entrevista, da qual retiramos o trecho anterior, foi realizada no escritório de advocacia de Maranhão, no centro da cidade Fortaleza/CE, no dia 17 de março de 2014, portanto, no ano anterior de seu falecimento em 2015. Mas o que faz a escrita de Maranhão com o passado? Que utilidade lhe percebe para o uso na vida? Talvez algo a esse respeito possa ser pensado a partir dos escritos da *Segunda Consideração Intempestiva: da utilidade e desvantagem da História para a vida*, do filósofo alemão Friedrich Nietzsche, obra em que ele apresenta três modos de concepção do passado, por via de três tipos de formulação da história: a *monumental*, a *antiquária* e a *crítica* (NIETZSCHE, 2003, p. 25). Partindo da compreensão de Nietzsche e lendo a obra de Maranhão, observamos um “modo antiquário” de operar o passado, ou seja, “um pé fincado no familiar e na veneração do “antigo” como uma forma de preencher o presente. Na escrita de Maranhão, na visita que faz ao passado, tudo é tomado “como importante, cada indivíduo torna-se importante demais. Desse modo, não há para as coisas do passado nenhuma diferença de valor e de proporção” (NIETZSCHE, 2003, p. 28).

O interesse pela escrita de Maranhão surgiu de um desdobramento de pesquisas anteriores que já trabalhavam com escritos pontuais do autor, sobretudo as

crônicas², porém a proposta desse artigo é uma análise mais ampla da obra de Maranhão, não no sentido de uma análise de cada livro de romance ou poesia, mas investigar uma ideia que perpassa toda a obra: o passado (e suas utilidades) segundo Maranhão. No entanto, não se propõe uma análise minuciosa de cada gênero em uma perspectiva literária, mas sim em uma perspectiva dos usos e significados dessa escrita que toma o passado para dizê-lo ao presente.

Nesse texto não teremos um recorte temporal “rígido”, pois o recorte será “esgarçado” de acordo com os pedidos feitos pela escrita do autor. Porém salientamos que Maranhão começou a publicar seus escritos em 1977- *Deusurubu*- e seu último livro é de 2014- *As pétalas da Pacarrete*. Não obstante, não poderemos usar esses marcadores temporais como recorte, pois a escrita desse autor falava de - e tinha intencionalidade de chegar a- outras temporalidades.

Já o recorte espacial atende aos limites do município de Russas-CE, sua sede e interiores mais diversos e distantes (distritos e comunidades). No entanto, esses espaços –lugares que ambientavam as narrativas- foram “maravilhados” pela escrita de Maranhão, que recorria ao “fantástico” para narrar os espaços e os tempos outros de sua cidade natal.

E, atentando sempre para o fato da escrita de Maranhão recorrer ao “fantástico”, investigaremos quais as necessidades ou intencionalidades de se usar esse “estilo literário” para falar e significar um espaço (Russas), ou seja, ir ao “maravilhoso” para falar do “real”. E para tanto, partimos do entendimento de que simbolizar o real

2 A dissertação de Mestrado: “Maria das Quengas: a construção de uma devoção popular no município de Russas– CE” dedicou um dos seus tópicos para a análise dos escritos de Maranhão referentes à santa popular (crônica, poema e hino) e, mais recentemente, o artigo: “‘Os mortos não querem volta’: sentidos e usos do passado escrito na obra de Airton Maranhão” publicado na **Revista Em Perspectiva** [On Line]. 2019, v. 5, n. 1. Pág. 371- 386. Além da leitura de duas monografias do curso de História da FAFIDAM/UECE que também utilizaram crônicas de Airton Maranhão como fontes: “Na passarela do asfalto: as escolas de samba no carnaval de Russas (1984-1986)” e “O imaginário e as representações em torno de Fernando da Gata: ‘como a sociedade constrói mitos, bandidos e heróis’ (1978-1982)”.

e os espaços é uma condição humana, pois “nenhum ser humano suporta o real se não trabalha-lo simbolicamente” (ALBUQUERQUE JR, 2007, p. 27).

Desse modo, não compreendemos o espaço somente em sua dimensão física/material da cidade, mas sim em suas construções humanas, simbólicas, culturais e sociais, sendo a literatura uma dessas ferramentas -língua- de significação. Percebendo como Maranhão, em sua obra literária, “via o tempo através do espaço, dando-lhe não somente uma história, mas também lhe atribuindo historicidade” (RAMOS, 2014, p. 53).

A escrita de Maranhão, ao se fazer, apresenta um tempo e uma espacialidade. Ou, para metaforicamente dizer, sua escrita se faz tal como se pudesse ser um fio costurando pedaços de tempo para, ao final, dar a ver o rosto do seu lugar, o seu “torrão natal” russo. Assim procedendo, faz *sentir* o tempo como “histórico” e o espaço como uma construção desse tempo historicizado.

Airton Maranhão e o “campo artístico”

Há sempre algo de “estranho” na normalidade do real, o que é já um gérmen do ficcional. E dessa percepção Maranhão deixou registro, como se lê na introdução a seu livro de poemas *Admirável povo de São Bernardo das Éguas Ruças*³:

O que sempre mais me motivou a escrever foi pela capacidade de ver as pessoas, principalmente as que mais chamam a atenção, pelo bizarro, pelo cognome, pelos hábitos e costumes doentios que portam os indivíduos. [...] Registrando tipos humanos para a criação das personagens, por menores que sejam suas vidas, se não são os maiores serão pelo menos os melhores, no místico e no estranho à porta dos mistérios e do incognoscível. [...] Busquei em São Bernardo das Éguas Ruças, a existência desses tipos da natureza humana em épocas passadas e presente, na nossa sociedade que pertencem a um padrão diferente de indivíduo (MARANHÃO, 2005, p. 13-14).

3 Nessa obra poética, cujo título faz alusão ao mito que explica o nome da cidade de Russas, o autor fez um “ajuntamento de tudo”, trazendo para os seus versos os nomes de centenas de rusanos que “mereciam” um lugar na lembrança da cidade.

Nessa introdução, Maranhão traçou um dos elementos que é presente em todos os seus escritos, o desejo de “acumular” personagens compreendidos como históricos ou importantes para a história de Russas, inclusive os que habitam “à porta dos mistérios e do incognoscível”. Dessa forma, o autor tentou escrever ou delimitar um “passado” para sua cidade natal. Um exercício feito partindo do olhar antiquário (como pensado por Nietzsche); não no sentido de acumulação de uma cultura material, ou seja, colecionar objetos antigos, mas na “acumulação de personagens”, na inscrição dos rusanos na literatura⁴ e, talvez na compreensão de Maranhão, na própria História, pois no livro *Admirável povo de São Bernado das Éguas Ruças* o autor fez essa “seleção” e definiu quem deveria fazer parte da “História”, construindo para isso um longo poema, em forma de sextilha, citando aproximadamente mil e quinhentos nomes de personagens rusanos que deveriam ser inscritos na história da cidade, missão que Maranhão desenvolveu até o seu falecimento em 2015. Desse modo, entendemos que Maranhão, homem letrado, atribuiu a si o fardo de dizer essa gente e esse lugar, tendo sua escrita esse dever de dotar esse povoado de memórias, de referências, ou seja, de “origens”; identidades que inscrevam a história (a escrita do tempo) num lugar (espaço marcado pelo vivido).

“Maranhão é criador de sua obra, mas se coloca como criatura dela” (MENDES, 2019, p. 372), buscando sempre o seu lugar na narrativa.⁵ Maranhão, reafirmamos, tinha convicção de sua importância e buscava construir um lugar para si na história e na intelectualidade russana, ou seja, sendo um sujeito com engajamento

4 Sobre a discussão do tema da relação entre “História e Literatura”, é importante salientarmos que não se pode entender a narrativa historiográfica ou a literária como universal e homogênea. É necessário definir de qual história e de qual literatura se está falando e situá-las no tempo e no espaço (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013).

5 O historiador Francisco Francijési Firmino ao analisar a obra do escritor cearense José Alcides Pinto, também percebeu essa relação entre criador e criatura: “José Alcides conta e reconta sua história diversas vezes, com a face ridente de algo que se aproxima do boato, do fabuloso, do lendário, uma fala que, ao mesmo tempo, diz do inefável de si e o quanto toda tentativa de ficcionar-se em palavras será como um romance, semelhante a sua literatura, parecido com sonhos ou pesadelos, livre da separação entre falso e verdadeiro. [...] Liberdade de estar aquém e além do dito, de ser muitos e nenhum, de ser coletivo, diabolizar a si, disperso e aleatório, de ser seu criador como fora de seus personagens” (FIRMINO, 2012, p. 179-180).

nas causas da vida pública, oferecendo interpretações sobre a realidade e interferindo criticamente no meio social (CORREA, 2015). Desse modo, a ação intelectual- forma de intervenção social- de Maranhão foi através da literatura, que é uma das linguagens pela qual- e na qual- os espaços podem ser significados e resignificados.⁶

Escritores, compreendidos como intelectuais, já renomados no “círculo literário” cearense, também escreveram *paratextos* (prefácio, orelhas e contracapas⁷) para os livros de Airton Maranhão, o que nos possibilita pensar sobre o que Pierre Bourdieu chamou, em *As regras da arte*, de “campo artístico”:

Para dar uma ideia do trabalho coletivo [...], seria preciso reconstituir a circulação dos incontáveis autos de créditos que se trocam entre todos os agentes envolvidos no campo artístico, entre os artistas, evidentemente, com as exposições de grupo ou os prefácios pelos quais os autores consagrados consagram os mais jovens que os consagram em troca como mestres ou chefes de escola, entre artistas e os mecenas ou colecionadores, os artistas e os críticos, e, em particular, os críticos de vanguarda que se consagram obtendo a consagração dos artistas defendem ou operando redescobertas ou reavaliações de artistas menores nos quais empenham e põem à prova seu poder de consagração, e assim por diante (BOURDIEU, 1996, p. 260).

Maranhão buscou receber em seus livros, por meio de *paratextos*, essa “consagração” dos autores que já desfrutavam de uma obra mais consolidada. Um exemplo disso é *A dança da caipora*⁸ (1994), segundo livro de Maranhão, que vem

6 A nossa noção de espaço vai além do entendimento do espaço físico, aproximando-se do que Albuquerque Júnior registrou no prefácio de *Alegorias da maldição: a escrita fantástica de José Alcides Pinto e o Ceará (1960-80)*: “o escrito historiográfico quando se refere aos espaços ou a qualquer objeto: ele os desnaturaliza, os dessacraliza, ele os joga na vida e nas relações, os relativiza, os escande como construções humanas, datadas e mortais, construções interessadas e interesseiras, partícipes da agônica dos poderes e saberes” (FIRMINO, 2012).

7 Como lembra Gérard Genette: “A obra literária consiste, exaustiva ou essencialmente, num texto, isto é (definição mínima), numa sequência mais ou menos longa de enunciados verbais mais ou menos cheios de significação. Contudo, esse texto raramente se apresenta em estado nu, sem o esforço e o acompanhamento de certo número de produções, verbais ou não, como um nome de autor, um título, um prefácio, ilustrações, que nunca sabemos se devemos ou não considerar parte dele, mas que em todo caso o cercam e o prolongam, exatamente para apresentá-lo, no sentido habitual do verbo, mas também em seu sentido mais forte: para torná-lo presente, para garantir sua presença no mundo, sua recepção e seu consumo, sob a forma, pelo menos hoje, de um livro” (GENETTE, 2009, p. 9).

8 Segundo livro publicado pelo autor, mas sendo seu primeiro romance. A narrativa se passa na Várzea do Baixo Vale Jaguaribano e seus personagens são mergulhados nas lendas, crenças e superstições da região. O romance busca retratar as “amarguras” da vida no sertão, mas tomando por

trazendo “orelha” de José Alcides Pinto, escritor cearense que nessa época já tinha um nome forte e uma rica fortuna crítica sobre sua obra. Vejamos:

O autor que ora analisamos de há muito podia ter seu nome inserido entre os melhores romancistas de sua geração. É praticamente inédito em nosso meio literário, como acontece aos escritores editados na província. Isso diz respeito a todos os que escreveram fora do eixo Rio- São Paulo. Bem, mas tal não lhe tira o mérito literário. A grandeza do autor repousa na obra. Claro que é preciso que esta venha à tona, saia da obscuridade, se projete à luz do mundo para que ganhe identidade [...]. **Airton Maranhão** é um romancista e um poeta na extensão mais rigorosa e legítima da palavra. Escreve corretamente (nem sempre escrever corretamente significa ser bom escritor) mas no seu caso se justifica. Ele sabe como armar a trama ficcional, o enredo, a caracterização dos personagens e, mais que isso, prender a atenção do leitor ao desfecho de sua estória (PINTO in MARANHÃO, 1994).

Com a fala de Alcides Pinto, Maranhão assegurava o seu lugar, ou pelo menos o almejado, dentro desse meio literário cearense, no qual buscava adentrar. Um campo limitado, pois que mesmo autores mais “consagrados” localmente careceram migrar e se fazerem publicar nos espaços legitimadores do eixo Rio-São Paulo, caso do próprio José Alcides Pinto.

Lendo os *paratextos*⁹ dessas obras poderemos conhecer um pouco desse “campo artístico” ou “meio literário” do qual Maranhão almejava fazer/fez parte. Se em 1994 Alcides Pinto escreveu a “orelha” do segundo livro de Maranhão-considerado sua estreia no meio literário-, em 1999, Pinto voltou a dialogar com a obra do escritor russo e escreveu a contracapa do romance *Os mortos não querem volta*¹⁰:

base o fantástico e o místico. Sobre esse romance, Raquel de Queiroz certa feita declarou que: “Airton Maranhão é o único escritor que se conhece no mundo que escreveu um romance folclórico”-Comentário transcrito por Sheyla Castelo Branco, no texto que apresenta Airton Maranhão, no livro *Palavra Russas* (2011).

⁹Além de Alcides Pinto e Francisco Carvalho, outros escritores também escreveram paratextos para obras de Maranhão: Ruy Câmara, Paulo de Tarso (Pardal), Ricardo Torres, Hider Albuquerque Jr, Dimas Macedo e Sheyla Castelo Branco. Maranhão também escreveu o prefácio do livro de poemas *A canoa do tempo*, do também escritor russo Hider Albuquerque.

¹⁰ Terceiro livro de Maranhão, a obra aborda a o misterioso lugarejo de Sete Pedras, localizado no Vale do Jaguaribe, durante o século XVII. Seus personagens principais chegam ao remoto povoado e têm por trabalho darem eucaristia àquela gente e também lugar e inscrição aos mortos daquele lugar

Airton Maranhão, a vocação literária mais arrojada e heróica que conheço na ficção de nossa modernidade parte para com a força dramática característica de sua escritura no caminho de nossas letras, que deu escritores do porte de Domingos Olímpio, Adolfo Caminha, Rachel de Queiroz, José Lins do Rêgo, Graciliano Ramos e poucos outros, para ficar só com a geração de 30, no Nordeste. Airton Maranhão nada ficou a dever aos autores acima citados. Pelo contrário, ele supera a visão regional fronteira. Na verdade, Airton Maranhão não se enquadra nesta ou naquela escola. Anticonvencional. Fratura o tempo lógico, e impõe uma ruptura da escrita de costumes, só encontrada nos autores consagrados, como Machado e Eça (PINTO in MARANHÃO, 1999).

No primeiro escrito sobre uma obra de Maranhão, Pinto o colocou como estreante no meio literário cearense e apenas cinco anos depois, escrevendo sobre outra obra do mesmo autor, já o colocou em um lugar de comparação com escritores de renome nacional. Não sabemos ainda como se dava essa “troca” entre os escritores e indagamos em que forma e em qual medida um escritor como Alcides Pinto era solicitado por Airton Maranhão para escrever sobre suas obras? Uma questão como essa é necessária para entendermos esse “campo artístico” ou “campo literário”: “um campo de forças a agir sobre todos aqueles que entram nele, e de maneira diferencial segundo a posição que aí ocupam” (BOURDIEU, 1996, p. 262).

O tempo e o espaço na obra de Airton Maranhão

Na escrita de Airton Maranhão é possível percebemos a formulação/construção de um “tempo da saudade” e um “espaço da saudade”:

O espaço se dispõe na espreita, disponível e alerta para injetar, no sentido do tempo, a idade da pedra. E o tempo não fica atrás, dando o troco, humilhando-se, revoltando-se, mas nunca na indiferença. A disputa não se dá entre querelantes, mas na própria razão de existir do tempo e do espaço. **O tempo da saudade e o espaço da saudade fazem o tempo ser tratável pelo espaço e espaço pelo tempo.** [Grifo nosso] (RAMOS, 2014, p. 120).

(pois as lápides não as tinham). Ao correr da narrativa, fica-se a saber que esses personagens buscavam ali a morte, uma vez que eram eternos. Desejavam a mortalidade.

Maranhão construiu uma cidade (Russas), sobretudo no livro da Pacarrete¹¹, que ainda habitava sua memória, mas que não existia mais fisicamente, mas da qual era saudoso: “a ‘ideia de tempo’ construída na escrita de Maranhão, é a de um tempo que deveria ser como antes e de um passado que será sempre melhor que o presente. Porque o presente é visto como vazio de memória” (MENDES, 2019, p. 376). Maranhão, por sua escrita, se faz aquele que oferta a honra da memória, da inscrição no tempo daqueles que fizeram o espaço russo.

E a própria divisão entre o “fato e fábula” é móvel “na medida em que são fabricadas legitimidades para o que é ciência e o seu ‘outro’” (RAMOS, 2017, p. 11). Desse modo, é necessário elucidarmos – mesmo que de forma breve- nossa compreensão sobre **Literatura** e questioná-la: o que ela é? Como é vista hoje? Como Maranhão a via? No entanto, não buscamos uma “essência” da literatura, pois:

O que se reconhece como literatura deriva de convenções e intenções mais ou menos conscientes que se estabelecem do lado de quem escreve e são reconhecidas como tais do lado de quem lê. Mas essa legitimação do literário em momento algum se faz de forma homogênea, nem tem duração permanente no tempo e no espaço (NASCIMENTO in DERRIDA, 2014, p. 14).

Maranhão evidenciava em sua escrita as “variadas dependências que o tempo tem do espaço”, assim, localizar essas dependências e pensar como “os usos do passado atrelam-se aos usos dos deslocamentos no espaço” é tarefa de quem se debruce sobre a escrita desse autor (RAMOS, 2014, p. 57).

Desse modo, a discussão desses dois conceitos – tempo e espaço- ajudam a pensar a escrita de Maranhão. Sendo os **espaços** “misturas inextricáveis de dimensões

11 As Pétalas da Pacarrete (2014): Último livro publicado por Maranhão, conta a história de vida da bailarina clássica Maria Araújo (conhecida como Pacarrete), nascida em russas em 1912. Depois de uma vida em Fortaleza, ela então retorna a sua terra natal na velhice. Morre em Russas, no ano de 2004, aos 92 anos. No ano de 2018 foi gravado, em Russas, um longa dirigido pelo cineasta Allan Deberton, que conta vida de Pacarrete. O filme – que leva o mesmo nome da personagem russana que também foi retratada por Maranhão- foi premiado em várias categorias no Festival de Cinema de Gramado em 2019.

concretas e de dimensões simbólicas”, não se buscará a separação entre essas duas dimensões, mas sim as narrativas que partem dessa “mistura”:

Constroem-se discursos sobre espaços, de como a espacialidade e a espacialização é uma dimensão da própria linguagem, seja literária ou não, de como a literatura é um discurso partícipe da construção de identidades espaciais, de imagens e enunciados sobre espaços, é também um excelente exemplo de como na construção dos relatos de espaços, elementos extradiscursivos são, ao mesmo tempo, condição e resultado destas próprias narrativas (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2008, p. 111).

Nossa pretensão foi investigar esses “relatos de espaços” a que a escrita de Maranhão deseja dotar de tempo. Não qualquer tempo, mas um tempo inscrito, historicizado. Entendemos que Maranhão compreendia a literatura como construtora e significadora dos espaços. Ao seu modo, percebia ele que “qualquer espaço é fruto de sucessivos extratos constituídos por nomes, símbolos, ícones, textos, mapas, ditos e formas de ver e fazer ver” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2008, p. 85).

A escrita de Maranhão é toda permeada por essa significação do espaço, mas em uma dimensão da saudade, falando de uma cidade e costumes que não são mais os predominantes no tempo presente de sua escrita. A relação tempo e espaço se agudiza na obra desse autor: “espaços marcados pelo tempo, construídos e destruídos no tempo, espaços que guardam, materializam e falam do tempo, de um dado tempo e de um dado espaço” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2008, p. 104). Dito isso, tempo e espaço serão entendidos como proposto por Antoine Prost (2012): “em seus relevos, espessuras e profundidades” (p. 12).

Para falarmos sobre o **tempo**, segundo Reinhart Koselleck (2014), é necessário o uso de metáforas; “facetadas” que a escrita de Maranhão desenvolveu e que podem servir à reflexão e problematização histórica.

O historiador precisa servir-se dessas metáforas retiradas da noção espacial se quiser tratar adequadamente as perguntas sobre diferentes tempos. A história sempre tem a ver com o tempo, com tempos que permanecem vinculados a uma condição espacial, não só metafórica, mas também empiricamente (KOSELLECK, 2014, p. 9).

Na obra de Maranhão, por meio de suas metáforas para escrever sobre um espaço e um tempo (do qual estava saudoso), poderemos investigar os “estratos do tempo” que ele move em sua escrita, ou seja, como em suas narrativas foram construídos planos temporais, com origens, velocidades, acelerações e atrasos diferentes, mas que atuam simultaneamente, remetendo uns aos outros, mas sem dependerem completamente (KOSELLECK, 2014). Sabemos- e Maranhão também nos parece sabedor- que no presente dos vivos vários tempos co-existem e se atritam. É possível explorarmos na escrita de Maranhão esses “atritos temporais”: o tempo da escrita (dos anos 70 até sua morte); e o tempo na escrita (os tempos que ele quis contar).

Outro gênero literário do qual Maranhão fez uso na sua escrita foi a crônica¹² - algumas publicadas em jornais e outras em meio virtual. Inclusive não deixando de se valer de elementos do “mágico” e do “maravilhoso” que percorrem toda sua obra.

Desse modo, é importante recorremos à conceituação de “realismo mágico” e “real maravilhoso”. Os dois conceitos abordam a noção de real, pois são representações de algo que existe no cotidiano, mas com uma “roupagem” da própria linguagem literária: “um diálogo frutífero entre realidade e ficção” (SANTOS, BORGES, 2018, p. 21). Ambas as abordagens surgem na América Latina pelo anseio de criar uma literatura que não fosse “repetição” de estéticas já consagradas. Daí a forte presença da dimensão cultural local nesse tipo de literatura, pois é também uma forma de afirmação. No “realismo mágico” “não se abandona a realidade concreta para se criar outra realidade só possível no mundo da imaginação. Há uma percepção da realidade nos feitos e nas personificações mágicas do cotidiano” (SANTOS,

12 Airton Maranhão publicou no site da TV Russas de 2011 até 2015, formando um total de umas 100 crônicas publicadas. As crônicas sempre abordavam personagens russanos, sejam eles místicos, misteriosos, lendários ou influentes na cidade. Vejamos alguns títulos das crônicas: “O mendigo bunda-de-couro”, “A reza velha da Rosa do Rosário”, “O relojoeiro Juju”, “As velas de Zé Maria do Zé Ramalho”, “Padre Valério e o santo caçote”, “O bar das almas do Valderir”, “A verdadeira história do bandido Fernando da gata”, “Pacarrete a bailarina clássica”, “Não existem mais lobisomem em Russas”, “O enigma do mendigo Zé Coió”.

BORGES, 2018, p. 22). Sobretudo em *Os mortos não querem volta* Maranhão se utilizou do “realismo mágico”, ou seja, do diálogo entre realidade concreta – fazendo referências à cidade de Russas- e o mundo da imaginação – personagens imortais e paralização temporal.

Foi num infernal sol de agosto de 1650, transvertido numa terrível figura de padre Vitorino, vindo de algum eremitério fantasmagórico, surgiu em Sete Pedras como uma sombra de trasgo. Por dias, noites e meses, a vaguar sob a intempérie das remotas ribeiras do Jaguaribe. [...] O andeiro misterioso não tardou que, depois de longa jornada, encontrasse por acaso o seu lenitivo: um povoado mágico-misterioso, por suas casas de alpendres e jardins floridos, irregularmente ordenadas diante do nascente para evitar o calor que atiçava o fogo do pôr-do-sol. Freguesia envolta de solidão, floreiras e tecelões, sem igreja e sem vestígio algum de cemitério. Nada de anormal para um povoado perdido no meio do impérvio deserto cearense, se não fosse o fascínio de seu povo pela cultura de florais e o inferno de orações dos penitentes rogando a proteção de Deus (MARANHÃO, 1999, p. 4-5).

Já no “real maravilhoso” o que fica mais evidente é “a natureza, as culturas populares, e dados que fazem parte da história e do imaginário de vários povos [...], possibilitando uma história que pode ser percebida como a ‘a crônica do real maravilhoso’” (SANTOS, BORGES, 2018, p. 23). Maranhão exercitou esse “real maravilhoso”, como no romance *A dança da caipora*, fazendo um apanhado das lendas e mitos presentes no Vale Jaguaribano para alimentar a construção de seus personagens.

Era madrugada ainda, com seu silêncio macio, penetrando na escuridão da Várzea do Baixo Vale do Jaguaribe. Tudo deserto. Nenhum sinal de existência, até agora, se desenterrara de dentro da noite; vibrações de vida, traços de alguns olhares, ou rastros de algum vivente à extremidade da Vereda do Araibu. Essa mesma Vereda sem fim, que abre caminho para qualquer lugar do Sertão e que vem inflexível do centro da mata. A Vereda do Araibu, como um verdadeiro monstro sóbrio, lá estava fugidia abertamente para aquele mundo estranho e misterioso; mundo demoniado no espírito da libertinagem, onde a Caipora em pintura do cão, qual um defunto podre que ressuscitou, os mais absurdos segredos àquela sombria imensidão, reinava. Cheia de almas penadas, visões selvagens, fantasmas vagando em plena luz do dia, lobisomem no sétimo dia às artes do demônio, superstições, lendas e crenças, irrefutáveis a qualquer força humana. Só mistério e medo aguarda os invasores á assombração da mata, porque numerosas são as credices do caboclo do Sertão e muitos aventureiros evitam uma só vesga observação à entrada estranha da Vereda do Araibu. Mas, essas calorosas superstições da própria desgraça matuta, às vezes, eram inevitáveis. Não se sabe, se por suplantar a coragem de ser

terrivelmente forte, ou provavelmente fraco. O caboclo dessas paragens imensas suporta esse medo por necessidade à sua própria subsistência, do próprio destino da vida, pelo flagelo avariado, como lá dizer (MARANHÃO, 1994, p. 25).

Desse modo, “realismo mágico” e “real maravilhoso” não são excludentes e podem aparecer na mesma obra. Foram *ferramentas escriturárias* de que se valeu Maranhão para dar tempo escrito a seu espaço (saudoso) russano.

Maranhão vinculou-se ao fantástico, pois queria uma literatura firmada na realidade local de sua cidade natal, mas distanciando-se do Regionalismo Tradicionalista. Vejamos a análise de Francisco Francijési Firmino a respeito da obra de José Alcides Pinto, contemporâneo de Maranhão: “a translucidez que o evento memorativo possuía entre os autores do Regionalismo Tradicional, para os quais a narrativa seria o próprio espelho do passado, em José Alcides, foi substituída por uma noção de lembrança permeada pelo esquecimento e pelo imaginário” (FIRMINO, 2012, p. 185). Desse modo, Maranhão e Pinto se alinham nessa “missão” de inscrever seus espaços –suas cidades de origem- no tempo, utilizando para isso a literatura fantástica. Mas, a relação entre o fantástico e o espaço cearense, como ressalta Firmino (2012), não surgiu com José Alcides Pinto e muito menos com Airton Maranhão.

O fantástico irrompe como noção para pensar o sertanejo no momento em que um conjunto de intelectuais estabeleceu uma interdição aos símbolos cristalizados sobre o sertão; é uma interdição à medida que o sertanejo foi localizado como possuidor de uma racionalidade outra, uma alteridade dentro dos regimes de verdade que estabelecem o que é possível e impossível (FIRMINO, 2012, p. 81).

Podemos inferir que Maranhão, como Alcides Pinto, recorreu ao fantástico como uma forma de subverter a modernização do espaço; criando uma obra que se apresenta saudosa - do espaço e do tempo passado - mas que tem a pretensão de “salvá-los” do esquecimento total. Vale salientarmos também que Maranhão começou a publicar sua obra literária na década de 70, período que testemunhou o “boom” da literatura latino-americana, que explora justamente esse recurso do fantástico, do real (e da história) problematizados doutra forma. Como disse Gabriel García Márquez em sua Conferência de recepção do Prêmio Nobel: “a interpretação

de nossa realidade com esquemas alheios só contribui para fazer-nos cada vez mais desconhecidos, cada vez menos livres, cada vez mais solitários” (MÁRQUEZ, 1982).

Como se pode perceber, transitando por diversos gêneros (romance, poesia, crônica), através da literatura Maranhão buscou inscrever os personagens que escreveram sua Russas natal (e também a si mesmo) no tempo, pois “o temporal e o espacial nas artes formam domínios mutuamente permeáveis, que não se excluem (NUNES, 1988, p. 11).

Conclusão

Não se pretendeu nesse texto “mergulhar” em uma obra específica de Maranhão a fim de “esgotar-lhe” as possibilidades de reflexão. Não utilizamos a obra literária tão somente como fonte, mas sobremaneira como objeto para a pesquisa histórica, “pensando com a literatura e não contra ela”.

Não foi nosso interesse atentar somente ao “que” é contado (história narrada), mas buscar no trabalho ficcional de Maranhão suas ideias de tempo e espaço, e como ambas se relacionam, para emprendermos uma discussão de seus usos e sentidos. Foi esse o fio condutor na análise da obra do autor. Um fio que perpassa seus personagens russanos, esses que, para não morrerem, foram “salvos” pela literatura. Personagens que se repetem na obra de Maranhão, sujeitos que não têm mais lugar no presente¹³, mas que o autor deseja dar-lhes escrita e inscrição no tempo.

Nossa análise da obra de Maranhão também teve o “cuidado” metodológico para perceber toda “riqueza estética e comunicativa do texto literário” e seus significados, atentando sempre para não “escorregarmos” em análises reducionistas

¹³ A obra de Maranhão dedica-se a falar sobre um tempo e um lugar espacial que já não existem mais, costumes e sociabilidade que se resignificaram, mas que sua escrita busca “preservar”, ou seja, fala da “passagem de uma época para outra, um mundo no qual a universalidade dos antigos valores desapareceu e onde outros valores, novos, estão em curso de nascimento” (GOLDMANN, 1967, p. 86).

(SEVCENKO, 2003, p. 28). E, mesmo não tendo a biografia do autor como foco principal do texto, também investigamos a historicidade do “espaço intelectual na trajetória” (RAMOS, 2014, p. 18) de Airton Maranhão: escritor - romancista e poeta; advogado; membro fundador da Academia Russana de Arte e Cultura; colunista de jornais locais - *TV Russas* e *Correio de Russas*.

Nessa proposta, nosso percurso foi algo mais próximo à ideia expressa por Raymond Williams (1979, p. 98-103) no sentido de entender “a linguagem e a significação como elementos indissolúveis do próprio processo social” no qual a literatura é parte, e não mero “reflexo” desse processo. O que nos interessa, pois, foi dar a ver esse fio condutor (formas de lidar com o tempo e o espaço) que está na “cabeça” de Maranhão e aparece em sua escrita - analisar e compreender linguagem e significação sobre o tempo e o espaço numa escrita, em suma.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A arte de inventar o passado: ensaios de teoria da História**. Bauru, SP: Edusc, 2007.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Nos destinos de fronteira: história, espaços e identidade regional**. Recife: Bagaço, 2008.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Tema, Meta, Metáfora: porque a historiografia teme e treme diante da literatura. In. **Linguagem- Estudos e pesquisas**. Vol. 17, n. 02, p. 17-41, jul/dez 2013. UFG/ Campus Catalão.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte**. Trad. Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CORREA, Rubens Arantes. Os intelectuais: questões históricas e historiográficas- uma discussão teórica. In. **SAECULUM- Revista de História**. João Pessoa, jul./dez. 2015.

DERRIDA, Jacques. **Essa estranha instituição chamada literatura: uma entrevista com Jacques Derrida**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

FIRMINO, Francisco Francijési. **Alegoria da Maldição: a escrita fantástica de José Alcides Pinto e o Ceará (1960-80)**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2012.

GOLDMANN, Lucien. **Dialética e Cultura**. Trad. Luiz Fernando Cardoso, Carlos Nelson Coutinho e Giseh Vianna Konder. Rio de Janeiro: Terra e Paz, 1967.

GENETTE, Gérard. **Paratextos Editoriais**. Trad. Álvaro Faleiros. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009.

KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo: estudo sobre história**. Trad. Markus Hediger. Rio de Janeiro: Contraponto; PUC-Rio, 2014.

MARANHÃO, Airton. **Deusurubu**. Fortaleza: Editora Verdes Mares, 1977.

_____. **A dança da caipora**. Fortaleza: Esitora Print & Paper, 1994.

_____. **Os mortos não querem volta**. Fortaleza: ABC Fortaleza, 1999.

_____. **Admirável povo de São Bernardo das Éguas Ruças**. Fortaleza: Premium, 2005.

_____. **O hóspede das eras**. Fortaleza: Editora Aceite, 2006.

_____. **As pétalas da Pacarrete**. Fortaleza: Premium, 2014.

_____. **Entrevista concedida a Ruan Carlos Mendes**. Fortaleza, 17 de março. 2014. [A entrevista foi realizada no escritório de advocacia do entrevistado no centro de Fortaleza-CE] (Acervo pessoal).

MÁRQUEZ, Gabriel García. A solidão da América Latina. **Conferência Nobel**. Apresentada em 8 dezembro de 1982.

MENDES, Ruan Carlos. “Os mortos não querem volta”: sentidos e usos do passado escrito na obra de Airton Maranhão. In. Revista **Em Perspectiva**. [On Line]. 2019, v.5, n.1.

NIETZSCHE, Friedrich. **Segunda consideração intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

NUNES, Benedito. **O tempo na narrativa**. São Paulo: Ática S.A, 1988.

PROST, Antoine. **Doze lições sobre a história**. 2 ed. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A poeira do passado:** tempo, saudade e cultura material. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **O escorpião atrás do espelho:** a tortura no regime de 1964 e o declínio da narrativa. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2017.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **O fato e a fábula:** o Ceará na escrita da História. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2012.

SANTOS, Bruna Carla dos; BORGES, Erinaldo. Realismo mágico e real maravilhoso: um anseio de afirmação da literatura latino-americana. In. **Cadernos Cespuc.** 1 semestre de 2018- N. 32.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão:** tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Companhia das Letras, 2003).

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura.** Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.